



SANTA MISSA DA DIVINA MISERICÓRDIA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica de São Pedro

II Domingo de Páscoa o da Divina Misericórdia, 24 de abril de 2022

Hoje o Senhor ressuscitado aparece aos discípulos e oferece a eles - que o haviam abandonado - a sua misericórdia, mostrando as suas chagas. As palavras que lhes dirige estão cadenciadas por uma saudação, que aparece três vezes no Evangelho de hoje: "*A paz esteja convosco!*" (Jo 20,19.21.26). "*A paz esteja convosco!*" é a saudação do Ressuscitado que vem ao encontro de todas as fraquezas e erros humanos. Vamos então seguir as três saudações de paz de Jesus: descobriremos em nós três ações da misericórdia divina. Em primeiro lugar, dá alegria; depois, desperta o perdão; e finalmente, consola durante o cansaço.

1. Em primeiro lugar, a misericórdia de Deus dá alegria, uma alegria especial, a alegria de se sentir gratuitamente perdoado. Quando, na noite de Páscoa, os discípulos veem Jesus e o ouvem dizer pela primeira vez "*A paz esteja convosco!*", alegram-se (cf. v. 20). Eles estavam trancados em casa com medo; mas também estavam fechados em si mesmos, dominados por uma sensação de fracasso. Eram discípulos que haviam abandonado o Mestre: no momento de sua prisão, haviam fugido. Pedro até o negou três vezes e alguém pertencente ao seu grupo – mesmo um deles! - havia sido o traidor. Tinham motivos para se sentir não apenas assustados, mas fracassados, gente sem valor algum. No passado, é claro, eles tinham feito escolhas corajosas, haviam seguido o Mestre com entusiasmo, compromisso e generosidade, mas no final

tudo havia desmoronado; o medo havia prevalecido e eles tinham cometido o grande pecado: deixar Jesus sozinho no momento mais trágico. Antes da Páscoa, eles pensavam que eram feitos para grandes coisas, discutiam sobre quem era o maior entre eles e assim por diante... Agora, eles se encontram mesmo no fundo do poço.

Nesse clima, ouvem por primeira vez "*A paz esteja convosco!*". Os discípulos poderiam ter se sentido envergonhados e, em vez disso, se alegraram – Quem os entende? – Porque? Porque aquele rosto, aquela saudação, aquelas palavras desviam o foco de sua atenção de si mesmos para Jesus: de fato, "os discípulos se alegraram - o texto especifica - ao ver o Senhor" (v. 20). Eles são distraídos de si mesmos e de seus fracassos e atraídos pelo olhar do Senhor, onde não há severidade, mas misericórdia. Cristo não se queixa do passado, mas transmite-lhes a benevolência de sempre. E isso os reanima, infunde a paz perdida em seus corações, os torna homens novos, purificados por um perdão concedido sem cálculos, um perdão concedido sem méritos.

Esta é a alegria de Jesus, a alegria que também nós sentimos ao experimentar o seu perdão. Já nos aconteceu de assemelhar-nos aos discípulos da Páscoa: depois de uma queda, um pecado, um fracasso. Nesses momentos parece que não há mais nada a ser feito. Mas ali mesmo o Senhor tudo faz para nos dar a sua paz: através de uma Confissão, das palavras de uma pessoa que se aproxima, de uma consolação interior do Espírito, de um acontecimento inesperado e surpreendente... De várias maneiras Deus se desvela para fazer-nos sentir o abraço de sua misericórdia, uma alegria que vem de receber "o perdão e a paz". Sim, a alegria de Deus é uma alegria que nasce do perdão e que traz paz. É mesmo assim: nasce do perdão e traz a paz; uma alegria que eleva sem humilhar, como se o Senhor não entendesse o que está acontecendo. Irmãos e irmãs, lembremo-nos do perdão e da paz recebidos de Jesus. Cada um de nós já os recebemos; cada um de nós já fez a experiência. Recordemo-nos brevemente: nos fará bem! Coloquemos a memória do abraço e das carícias de Deus antes da lembrança dos nossos erros e das nossas quedas. Assim alimentaremos a alegria. Porque nada pode ser como antes para quem experimenta a alegria de Deus! Esta alegria que transforma!

2. "*A paz esteja convosco!*" O Senhor o diz uma segunda vez, acrescentando: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio" (v. 22). E dá aos discípulos o Espírito Santo, para torná-los agentes de reconciliação: "A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados" (v. 23). Eles não apenas recebem misericórdia, mas tornam-se dispensadores da mesma misericórdia que receberam. Eles recebem esse poder, mas não por seus méritos, por seus estudos, não: é um puro dom da graça, que, no entanto, se baseia em sua experiência como homens perdoados. Agora dirijo-me a vós, missionários da Misericórdia: se cada um de vós não se sente perdoado, que deixe de ser um missionário da Misericórdia, até o momento em que se sinta novamente perdoado. E daquela misericórdia recebida sereis capazes de dar tanta misericórdia, de dar tanto perdão. E hoje e sempre na Igreja, o perdão deve chegar-nos assim, através da humilde bondade de um confessor misericordioso, que sabe que não é detentor de algum poder, mas canal de misericórdia, que derrama sobre os outros o perdão do qual ele primeiro se beneficiou. E daqui nasce aquela disposição de *perdoar tudo*, pois Deus perdoa tudo. Tudo e sempre. Somos nós que nos cansamos de pedir o perdão, mas Ele perdoa sempre. E vós deveis ser canais deste perdão, através da experiência de ter sido perdoados. Não é necessário *torturar* os fiéis que chegam até vós com os seus pecados, mas entender o que lhes acontece, escutar, perdoar e dar bons conselhos ajudando-os a seguir em frente. Deus perdoa tudo: não é preciso fechar aquela porta...

"A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados." Estas palavras estão na origem do sacramento da Reconciliação, mas não só. Toda a Igreja foi feita por Jesus uma comunidade dispensadora de misericórdia, um sinal e um instrumento de reconciliação para a humanidade. Irmãos, irmãs, cada um de nós recebeu o Espírito Santo no Batismo para ser homem e mulher de reconciliação. Quando experimentamos a alegria de sermos libertos do peso dos nossos pecados, dos nossos fracassos; quando sabemos em primeira mão o que significa renascer, depois de uma experiência que parecia não ter saída, então precisamos compartilhar o pão da misericórdia com aqueles que nos rodeiam. Sintamo-nos chamados a isso. E perguntemo-nos: eu, aqui onde vivo, eu na minha família, eu no trabalho, na minha comunidade, promovo a comunhão, sou um "*tecelão de reconciliação*"? Comprometo-me a desarmar conflitos, a trazer perdão onde há ódio, paz onde há ressentimento? Ou caio no mundo das murmurações, que sempre matam? Jesus procura em nós testemunhas para o mundo destas suas palavras: "*A paz esteja convosco!*" Recebi a paz, devo transmiti-la ao outro.

3. "*A paz esteja convosco!*" repete o Senhor pela terceira vez quando reaparece oito dias depois aos discípulos, para confirmar a fé laboriosa de Tomé. Tomé quer ver e tocar. E o Senhor não se escandaliza com a sua incredulidade, mas vem ao seu encontro: "Coloque o dedo aqui e veja as minhas mãos" (v. 27). Não são palavras de desafio, mas de misericórdia. Jesus compreende a dificuldade de Tomé: não o trata com severidade e o apóstolo fica abalado interiormente com tanta benevolência. E é assim que, de incrédulo, ele se torna crente e faz a mais simples e bela confissão de fé: "Meu Senhor e meu Deus!" (v. 28). É uma bela invocação, podemos torná-la nossa e repeti-la ao longo do dia, especialmente quando experimentamos dúvidas e trevas, como Tomé.

Porque em Tomé está presente a história de cada crente, de cada um de nós, de cada fiel: há momentos difíceis, nos quais a vida parece negar a fé, nos quais estamos em crise e precisamos tocar e ver. Mas, como Tomé, é precisamente aqui que redescobrimos o coração do Senhor, a sua misericórdia. Nessas situações, Jesus não vem em nossa direção triunfante e com provas contundentes, não realiza milagres prodigiosos, mas oferece sinais calorosos de misericórdia. Ele nos conforta com o mesmo estilo do Evangelho de hoje: oferecendo-nos suas chagas. Não esqueçamos isto: diante dos pecados, do pecado mais horrendo, nosso ou dos demais, existe sempre a presença do Senhor que oferece as suas chagas. Não esqueçam disto! E, em nosso ministério como confessores, devemos fazer ver às pessoas que diante dos seus pecados estão as chagas do Senhor, que são mais poderosas que o pecado.

E também nos faz descobrir as feridas dos irmãos e irmãs. Sim, a misericórdia de Deus, nas nossas crises e nos nossos esforços, coloca-nos muitas vezes em contacto com os sofrimentos do próximo. Achávamos que estávamos no ápice do sofrimento, no auge de uma situação difícil, e então descobrimos aqui, permanecendo em silêncio, que existe alguém que está passando por momentos, períodos piores. E, se cuidarmos das feridas do próximo e derrarmos misericórdia sobre ele, renasce em nós uma nova esperança, que nos consola no cansaço. Então, perguntemo-nos se nos últimos tempos tocamos as feridas de alguém que sofre no corpo ou no espírito; se trouxemos paz a um corpo ferido ou a um espírito quebrantado; se passamos algum tempo ouvindo, acompanhando, consolando. Quando fazemos isso, encontramos Jesus que, com os olhos de quem é provado pela vida, nos olha com misericórdia e diz: "*A paz esteja convosco!*" E, me agrada pensar na presença de Nossa Senhora ali, em meio aos Apóstolos, e como, depois de Pentecostes, a pensamos como Mãe da Igreja: me agrada muito pensar n'ela na segunda-feira após o Domingo da Misericórdia como Mãe da Misericórdia. Que Ela nos ajude a seguir em frente em nosso ministério que é tão belo.